

Psicóloga da Escola Especial Concórdia – ULBRA; Mestre em Psicologia do Desenvolvimento pela UFRGS; Especialista em Filosofia da Linguagem e da Comunicação pela UNISSINOS

## A Surdez enquanto marca constitutiva

Após trabalhar como psicanalista durante diversos anos deparei-me em um supermercado com a língua de sinais. Esse encontro me fez questionar minha prática e investigar o que a psicanálise poderia oferecer a esses sujeitos que se inserem na linguagem por uma via outra que não a oral.

Como psicóloga de escola especial pude aprender a língua de sinais e tentar teorizar a prática da psicanálise com Surdos, assim como, tentar entender os efeitos e especificidade da Surdez na constituição desses sujeitos. Não se trata de constituir uma psicologia diferenciada dos Surdos. Não se trata de tomá-lo como um sujeito com uma estruturação psíquica diferente da estruturação dos ouvintes, nem se trata de estabelecer mais uma visão da Surdez.

Trata-se de entender as peculiaridades psíquicas que este tipo de sujeito enfrenta em sua estruturação e teorizar uma prática que vem sendo desenvolvida e aconselhada, baseada principalmen-

te na observação feita por profissionais e familiares que participam do desenvolvimento dos Surdos. A convivência de Surdos com a comunidade surda vem sendo aconselhada e praticada, porém ob-

**“Verificamos, também, que aqueles adolescentes Surdos que viviam isolados da comunidade possuíam maiores dificuldades em sua constituição enquanto sujeitos.”**

servamos a ausência de pesquisas em psicologia ou em psicanálise que suportem teoricamente essa prática. Pensamos que, apesar de observarmos que a convivência com a comunidade produz acréscimo ao desenvolvimento do Surdo, devemos saber como e porque esse acréscimo se dá, para assim garantirmos essa prática em detrimento das práticas de integração escolar.

Verificamos, através dos discursos de nossos analisantes Surdos e através da prática em comunidade surda que a questão da identidade dos Surdos estava embriada na comunidade surda

e na surdez. Verificamos, também, que aqueles adolescentes Surdos que viviam isolados da comunidade possuíam maiores dificuldades em sua constituição enquanto sujeitos.

Através da escuta analítica oferecida a adolescentes Surdos, verificamos que a surdez e o “ser Surdo” eram constitutivos da subjetividade e fundamentais nos processos identificatórios.

Sabemos que o “eu” não se faz senão por identificações, é formado de capas sucessivas de identificações. As velhas são substituídas por outras que vêm ocupar seu lugar. É através dessas identificações, imaginárias é verdade, que podemos dizer que “somos” ou que podemos nos relacionar com os outros; é só através do imaginário que temos acesso ao real e podemos enlaçar o simbólico.

As identificações parciais ou totais, segundo Freud, simbólicas, imaginárias ou fantasísticas, segundo Lacan, serão base para a formação de grupos e encontram seu mo-

mento decisivo na adolescência. A adolescência já é um momento decisivo, por isso chamado de "crise". É nesse estado "agudo" da adolescência que as identificações serão mais fortemente questionadas.

Para Melman (1995) a adolescência é uma "crise psíquica" onde o convite urgente, obrigatório e necessário é geralmente feito para que se adote um novo papel e se assumam novos encargos, um convite para que se entre na comunidade.

É nesse momento que o olhar sobre os pais se modifica. Se na infância os pais poderiam servir como modelos ideais, são, na adolescência, descobertos em seus limites. Nessa etapa da vida dos sujeitos as relações imaginárias são prevaletentes. As figuras ideais que tinham um lugar de referência imaginária para a criança não servem mais para o adolescente, que deverá procurar um novo referencial.

As modificações que sofre o corpo na adolescência abala narcisicamente a imagem do corpo. O adolescente, obrigado a abandonar a sua representação corporal da infância, desencadeia uma crise na auto-imagem e, também,

na imagem parental.

Segundo Penot (1995), é o momento de um trabalho máximo da relação, contraditória e necessária, entre os processos identificatórios imaginários constitutivos do eu e a emergência de um sujeito de desejo próprio.

A adolescência coloca em questão, de forma radical, nos registros do real, simbólico e imaginário, sua identidade,

**"Na adolescência dá-se o repúdio à família e a seus valores, quando menos o distanciamento do adolescente em relação a seus pais."**

mas, segundo Rassial (1995) recoloca também em questão a identidade dos pais, a identidade do conjunto do casal social, e interroga imediatamente o laço social em sua totalidade.

"É um tempo de validação da operação de primeira inscrição ou de forclusão do Nome-do-Pai." (Rassial, 1995, p. 93).

Na adolescência, o sujeito é obrigado a condenar as identificações passadas. Sabe que já não é uma criança, mas também não é um adulto, e que se expõe ao ridículo (que produz uma ruptura de identificação ao nível do eu) ao se

deixar crer que é um adulto. "Os pássaros que mudam de plumagem são rechaçados": Mannoni (1986) nos diz metaforicamente que no momento da adolescência as plumas são emprestadas. Daí o dizer-se que o adolescente que começa a perder as antigas identificações toma o aspecto de algo emprestado. Suas roupas não parecem suas e suas opiniões são tomadas de empréstimo.

Na adolescência dá-se o repúdio à família e a seus valores, quando menos o distanciamento do adolescente em relação a seus pais. Há uma busca por algo que novamente lhe nomeie, isto é, não sabendo mais quem é procura uma nova nomeação no grupo social. Por outro lado, o convívio com companheiros de mesma idade oferece um ponto de apoio, e a possibilidade de um novo referencial de identificação. Nesse momento pode surgir a fantasia de não pertencer a essa família, de ter vindo de um outro lugar, assim denunciando a doença da comunidade em que vive, tentando construir para si uma outra



“normalidade”, preocupando-se em não ser ele próprio infectado. Para o adolescente, o adulto é aquele que perdeu a alegria de viver, que não soube aproveitar o gozo deixando que ele escapasse, o adulto se deixou dominar, rendeu-se às chantagens da vida (ou do Outro). Em resumo, o adulto para o adolescente é aquele que “não fez a hora, esperou acontecer”, portanto, não sabe.

Com isso cria grupos, “turmas”, uma sociedade que assegura, entre seus participantes, uma igualdade perfeita, onde todos seriam irmãos, onde estará seguro que a falta, que percebeu em seus pais, ali não irá aparecer.

De acordo com Rassial (1995), a adolescência é onde há a apropriação parcial do olhar e da voz (no caso do Surdo, a voz pode ser entendida não pelo som, mas pelo conteúdo daquilo que a mãe diz) da mãe que outrora o adolescente reconheceu, o que quando criança viu. O adolescente deve confrontar-se, para além de uma morte

de sua imagem que a mãe refletia, com o fato de que o sujeito não se define apenas em ser essa imagem, mas em ter outro valor. É o momento de transformar essa imagem refletida pela mãe em sujeito, de apropriar-se dessas marcas do desejo dos pais e que lhe é reenviado como seu signo. O autor nos diz que não podemos escapar dessas marcas. Podemos fazer delas um sujeito, quando nos apropriamos daquelas imagens dos nossos pais que fomos, mas mesmo essas apropriações são marcas de nossos pais.

As questões acima levantadas são pertinentes aos adolescentes Surdos e ouvintes e o que temos para comentar seria irrelevante se todos Surdos naturalmente convivessem entre iguais e lhes fosse, desde cedo, oferecida a possibilidade de constituir novas identidades. Neste caso, diríamos simplesmente que alguns processos psíquicos enfrentados pelos Surdos são os acima citados. Mas o que se

percebe não é isso: alguns Surdos convivem em comunidade surda, outros não. A língua de sinais não é tomada como parte da cultura e os pais ouvintes normalmente são incompetentes nessa língua.

Essa realidade ocasiona especificidade na constituição desse sujeito, e são essas especificidades que tentamos entender.

A diferença que a falta da audição ocasiona é percebida pelo Surdo em torno de 5 anos, quando a diferença sexual também é percebida, mas toma maior vulto na adolescência.

Em decorrência do questionamento das identidades infantis que as mudanças no corpo acarretam, o adolescente Surdo encontra-se confrontado com uma outra diferença a ter de dar conta: a diferença da falta da audição,

ou da falta da fala.

Como foi relatado anteriormente, é na adolescência que os valores paternos são questionados, que as identificações antigas são postas de lado e novas são procuradas.

O pai ouvinte, antes herói a ser seguido, torna-se, agora, o anti-herói. As diferenças tornam-se insuportáveis, a família ouvinte não tem mais valores a serem transmitidos, eles não "entendem" ou "não gostam" de Surdos, como dizem alguns adolescentes Surdos.

Percebemos que as questões trazidas pelos adolescentes Surdos não se diferenciam totalmente das questões dos

Todo adolescente imagina estar falando uma língua nova, incompreensível para os pais; imagina ser tomado desde um outro lugar. Para o adolescente Surdo nem sempre essa é uma questão imaginária, muitos são os pais que não entendem absolutamente nada do que seus filhos "falam". Muitas são as vezes em que os profissionais de uma escola, por exemplo, são solicitados a passarem informações de um pai ouvinte para um filho adolescente Surdo. Em entrevistas no trabalho de psicóloga escolar, podemos perceber que embora alguns pais digam que mantêm diálogos com seus filhos Surdos, são incapazes de se fazerem entender ou de

entenderem seus filhos.

Os pais ouvintes, enquanto figuras ideais, já não têm um lugar de referência imaginária por

não dominarem a língua, por não possuírem comunicação com o filho ou por simplesmente não possuírem a mesma perda auditiva. O nome que aquela família carrega já não é mais reconhecido como seu pelo adolescente Surdo, pois a identificação

está impossibilitada. Os ensinamentos dos pais são substituídos pelos da comunidade surda, seus valores pelos dos colegas e inclusive suas crenças religiosas. Podemos exemplificar com casos de adolescentes que, por estudarem em escola de orientação religiosa diferente da de seus pais, acabam por fazer outra opção, tomando como sua a religião da escola, que nesse caso representa a comunidade surda. Esta é mais uma via de desconhecimento do Nome do Pai, já que a religião marca em nossa cultura uma tradição familiar, uma linhagem. Romper com a religião do clã pode parecer apenas uma opção de um sujeito conduzido pelo seu desejo, mas o que verificamos no caso de adolescentes Surdos trata-se, na maioria dos casos, de mais uma maneira de identificar-se com o grupo e romper com os valores paternos.

A comunicação entre pais ouvintes e filhos Surdos, já precária devido à diferença de língua, na adolescência se torna quase nula. O acréscimo de vocabulário em Língua de Sinais adquirido pelo Surdo não é acompanhado pela

**"A comunicação entre pais ouvintes e filhos Surdos, já precária devido à diferença de língua, na adolescência se torna quase nula."**

adolescentes ouvintes. Quando um adolescente ouvinte perguntou-nos se os pais dos Surdos entendiam tudo o que os Surdos falavam, devolvemos a pergunta: "Teus pais entendem tudo o que dizes?" A resposta foi: "Nem tudo". O mesmo acontece com os Surdos.

maioria dos pais, o que torna a “crise da adolescência” mais visível e intensa.

A escola, a comunidade surda, os colegas ou até mesmo pais que dominam melhor a língua são procurados, muitas vezes, para fazer mediação, isto é, para levar ao Surdo a palavra dos pais. A seguir, retomamos as formulações de Melmam (1995) sobre o Pai na adolescência e verificamos o quanto para o Surdo isso se altera...

Segundo Melmam (1995), a promessa de entrega do objeto, que é esperada do pai na adolescência, não é realizada, apresentando o próprio pai como não tendo, como incapaz e impotente. A partir destas colocações, pensamos que a diferença de língua e a falta de transmissão da palavra do pai leva o adolescente Surdo a se distanciar ainda mais desse pai incapaz, buscando na comunidade, mais que o adolescente ouvinte, o pai ideal que lhe garantirá a promessa. A castração e impotência paterna é rejeitada, e junto com ela a comunidade ouvinte que o pai representa. É na comunidade surda que o adoles-

cente vai procurar a similaridade e a identificação em uma “relação feliz” com o pai ideal.

Sabemos que essa busca de identidade é parte constitutiva da subjetivação e que de maneiras diversas todas as pessoas passam por isso. O que acontece, então, quando alguém não consegue encontrar outro lugar de identificação? Quando as primeiras identificações são renegadas e não se encontram outras identificações possíveis?

A “crise da adolescência”, permeada pela Surdez, coloca de maneira radical em questão a identidade do jovem Surdo, interrogando imediatamente os laços sociais e, principalmente, os laços de parentesco.

Surge, no adolescente Surdo, também, a questão da aceitação pelos familiares, e a pergunta pela causa da surdez — normalmente acompanhada da pergunta pela culpa e pelos culpados. Surge, aí, a fantasia da surdez ter sido uma punição por uma falta cometida. A alienação ou o repúdio do grupo social dos ouvintes encontra nesse perío-

do sua maior crise.

Os jovens que vivem em comunidade ouvinte deparam-se com a falta de integração, com a dificuldade de formarem “turmas fraternas e de semelhança perfeita”, deparam-se com o preconceito

**“É na comunidade surda que o adolescente vai procurar a similaridade e a identificação em uma ‘relação feliz’ com o pai ideal.”**

e com a sua real condição.

Estes jovens não conseguem estabelecer uma relação imaginária com o Nome-do-Pai e não estabelecem identificações, condição necessária para a formação de grupos.

A Surdez marca o destino identificatório de cada sujeito e a privação da fala coloca em perigo a possibilidade de transmissão transgenealógica dos enunciados identificatórios, sustentados pela fala que os pais ouvintes receberam de seus próprios pais.

Portanto, o adolescente Surdo vai buscar na comunidade surda, representada por associações, escolas ou clubes, uma possibilidade identificatória capaz de dar con-

ta de sua pergunta pelo seu "eu". Essa possibilidade identificatória minimiza seu sentimento de "estrangeiridade", colocando-o em uma relação imaginária de igualdade.

A comunidade surda oferece abrigo aos adolescentes Surdos que tentam encontrar uma identidade grupal na esperança de cicatrizar velhas feridas.

O adolescente Surdo tenta constituir-se enquanto sujeito em meio aos afetos e representações parentais revividas e remetidas à sua surdez. A imagem clássica da surdez, com uma visão clínica de algo a ser "curado", não dá conta da realidade específica de cada pessoa. Ela nivela e marca, segundo seu critério de capacidade auditiva e de suas consequências, em falar ou não, impossibilitando a construção de uma singularidade. Na comunidade, o adolescente, através de identificações, obtém a possibilidade de alcançar uma singularidade.

A surdez pode provocar uma alternância na representação de mundo do adolescente. A comunicação

entre ouvintes e Surdos contém essa discordância: ambos tentam se ajustar ao modo de ser do outro, mas resta essa "estrangeiridade" imaginária, marcada pela diferença de língua utilizada por eles (Português e Língua de Sinais). O Surdo habita um corpo diferente, sem voz. O externo é o mesmo, mas o mundo interno é imaginado diferente.

**"A comunidade surda oferece abrigo aos adolescentes Surdos que tentam encontrar uma identidade grupal na esperança de cicatrizar velhas feridas."**

Melman (1992), em relação ao estrangeiro, lembra-nos que, nessa posição, o estrangeiro se encontra sempre em uma situação onde as leis do país onde está não são realmente reconhecidas como suas, o que lhe coloca em uma situação conflitiva: ou de eterno sacrifício para ser aceito ou de recusa dessas leis, isto é, fora da lei. Podemos perceber o que Melman(1992) nos fala em situações onde pessoas em viagens se permitem coisas que em seu país jamais fariam ou não conseguem re-

clamar de nenhum serviço mal feito. A lei que faz calar o Surdo, desconhecendo sua língua, coloca-o ou nesse lugar de estrangeiro e, portanto, fora da lei, ou em posição de sacrifício, bem percebida através dos esforços sobre-humanos que alguns fazem para falar.

Mas o que podemos dizer se a comunidade surda não vem abrigar esse adolescente perdido? Que novas identificações lhe serão

possíveis para juntar às velhas e abandonadas, constituindo assim uma possibilidade de saída da adolescência e o ingresso no mundo adulto?

Sabemos das dificuldades de o jovem Surdo ingressar no mercado de trabalho e participar como cidadão; essas dificuldades serão apenas decorrentes do preconceito ou da falta de emprego, ou podemos dizer que da impossibilidade de o adolescente Surdo formar novas relações subjetivas que lhe permitam sair da tutela da

comunidade surda e enfrentar sua condição singular?

Ao deparar-se com a verdade sobre a condição paterna, o jovem Surdo busca na comunidade uma possibilidade de formar grupos nos quais a diferença, marcada imaginariamente para ele pela surdez, não seja relevante. Na comunidade surda encontra a possibilidade de, como diz Melmam (1995), forcluir o Nome-do-Pai, excluindo toda diferença que possa abalar a certeza de uma segurança entre iguais. A comunidade acolhe suas identificações até o momento em que possa sustentar novas identificações como suas e possa sustentar uma singularidade mesmo na lei paterna.

O adolescente Surdo que não convive em comunidade surda, ao buscar suporte imaginário entre iguais, encontra apenas diferenças que lhe impossibilitam constituir uma identidade. Para

estes jovens, resta a depressão, quando não a melancolia, em função de uma diferença que não tem lugar no simbólico. Incapaz de fazer luto de sua audição, não consegue encontrar suporte identificatório para o "eu sou", restando-lhe a questão: "Se não sou igual a eles, o que sou?"

Para alguns, essa pergunta é respondida através da incapacidade e da doença, deixando o adolescente preso a uma imagem de si próprio assentada na deficiência. Alguns poucos Surdos que vivem fora da comunidade surda resolvem a questão acima levantada designando-se "deficiente auditivo", diferenciando-se daqueles que vivem em comunidade e utilizam Língua de Sinais, chamados, então, "Surdos".

Podemos dizer, desta maneira, que a comunidade suporta uma identificação imaginária que possibilita ao jovem Surdo suporte para a constituição de sua subjetividade através do "ser Surdo".

O "ser Surdo" torna-se, então, marca constitutiva da subjetividade.

## Referências Bibliográficas

MANNONI, O; DELUZ, A ; GIBELLO, B. e HÉBRARD, J. (1986) — *A crise de la adolescencia* — Barcelona, Gedisa.

MELMAM, C. (1992) — *Os imigrantes* — São Paulo, Escuta.

MELMAM, C. (1995) — *Haveria uma questão particular do pai na psicanálise?* — In: *Adolescência. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 5 (11) 7-24.

PENOT, B. (1995) — *A importância da noção de adolescência para uma concepção psicanalítica de sujeito* — In: *Adolescência. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 5(11) 31-40

RASSIAL, J. (1995)- *Hipótese sobre a adolescência.*- In: *Adolescência. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. 5 (11) 25-30